

O ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica

The teaching philosophy through philosophical experience

*Silmara Aparecida Lopes**

RESUMO

Com o retorno do ensino obrigatório de Filosofia, nas escolas de ensino médio, abre-se um espaço oficial no currículo voltado para a atividade filosófica. Diante dessa nova realidade, cada vez mais se questiona quais conteúdos devem ser trabalhados, bem como a melhor forma de conduzir o processo de ensino e aprendizagem. O texto divide-se em três partes: a primeira trata sobre a importância e a relação da filosofia com a vida cotidiana dos seres humanos; a segunda aponta os pontos e contrapontos tanto da abordagem pelo ensino através da história da filosofia quanto pela abordagem por meio de temas relevantes; na terceira parte será apresentada outra possibilidade para o ensino de Filosofia, a abordagem problemática dos temas, a qual concebe o ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica. A abordagem problemática dos temas, apresenta-se como a mais adequada para encaminhar os alunos para o aprender a pensar, a viver a experiência do pensamento pelo contato e análise dos conceitos já existentes e pela possibilidade de ressignificá-los ou de criar novos conceitos com o intuito de resolver problemas, situações ou ao menos oferecer novas perspectivas em relação aos mesmos, quer sejam de natureza individual ou coletiva.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Problematização.

ABSTRACT

With the return of compulsory education philosophy, in high schools, opens an official space oriented curriculum for philosophical activity. Faced with this new reality, increasingly questioning what content should be worked out, and the best way to conduct the process of teaching and learning. The text is divided into three parts: the first deals with the importance and relationship of philosophy with the daily lives of human beings; the second indicates the points and counterpoint. Its both approach the school through the history of philosophy as the relevant issues through approach; the third part will be presented another possibility for teaching philosophy, the problematic approach to issues, which conceives the teaching philosophy through philosophical experience. The problematic approach to the subjects, appears as the most appropriate to direct students to learn to think, to live the experience of thought by contact and analysis of existing concepts and the possibility of offering new significance in or create new concepts in order to solve problems, situations, or at least offer new perspectives for the same, whether individual or collective nature.

Key-words: Education. Philosophy. Questioning.

Introdução

O ensino de Filosofia¹ no Brasil sempre apresentou problemas e embora muitos já tenham sido solucionados, ele ainda enfrenta dificuldades e desafios. A Filosofia como disciplina, ao longo da história, entrou e saiu do currículo. Desde o início da década de 1960, por exemplo, já começa a se

* Supervisora de Ensino da Rede Estadual de São Paulo, mestra em Educação e licenciada em Filosofia e Pedagogia. Membro do GPTeFE (Grupo de Pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação) e do GEPLAGE (do Grupo de Estudos e Pesquisas Estado, Políticas, Planejamento, Avaliação e Gestão da Educação) da UFSCar *Campus* Sorocaba. E-mail: <silmaralopes2008@hotmail.com>

¹ A palavra Filosofia será grafada com a inicial maiúscula para se referir à disciplina do currículo escolar.

perceber a sua exclusão do ensino médio brasileiro.

Em 1971, a Filosofia foi excluída do currículo, permanecendo, assim, durante a ditadura militar. Uma das explicações para esse fato é a de que essa disciplina faria a juventude pensar, representando perigo para os ideais do regime militar. Pois, jovens pensantes e questionadores poderiam ser mais resistentes e não obedientes às ordens do regime militar e passaria a questioná-lo e a criticá-lo. Portanto, a filosofia não era interessante para esse tipo de governo.

Os militares temiam que os estudantes refletissem criticamente sobre suas formas de vida e que tivessem consciência de que o Estado cometia crimes, passando a se organizar dentro das escolas. Nesse sentido, o movimento estudantil era uma grande preocupação para esse regime.

A ditadura militar começou em 1964 e em 1985 findou-se. No entanto, a obrigatoriedade da disciplina Filosofia nas escolas somente aconteceu em 2008, ou seja, após mais de 20 anos do fim da ditadura no Brasil.

Alves (2002) trata sobre ambiguidade e contradição que se manifestam na LDB n° 9.394/96, ao propor o retorno de Filosofia no ensino médio sem, no entanto, determinar o seu lugar no currículo. Por essa visão estariam presentes os conteúdos filosóficos enquanto componentes transversais às outras disciplinas, não estabelecendo a obrigatoriedade da sua presença nas escolas. Somente com a Lei 11.684/2008, tal concepção foi alterada com a obrigatoriedade da disciplina Filosofia nos três anos do ensino médio. A posição ambígua em torno de sua presença/ausência no currículo ressaltou o problema de como ensiná-la.

Com o retorno do ensino obrigatório de Filosofia, abre-se um espaço no currículo voltado para a atividade filosófica. Com isso, cada vez mais se questiona quais conteúdos devem ser trabalhados, bem como a forma de manejá-los, trazendo aos educadores o desafio de ministrá-los de forma significativa colaborando para a formação de alunos reflexivos e críticos.

O estudo justifica-se diante do desafio de se ensinar Filosofia, não como uma disciplina conteudista, mas como um elemento essencial que aponta o exercício do filosofar relacionado às diversas situações e questionamentos vividos pelos estudantes. Assim, percebe-se a importância de se discutir qual a melhor abordagem metodológica para o seu ensino enquanto disciplina curricular.

Diante desse desafio, uma questão crucial permeia a prática desses educadores: qual a melhor forma para se ensinar Filosofia no ensino médio, pela abordagem da história da filosofia, por temas relevantes ou por uma terceira via, que além de sua especificidade, considera os pontos positivos das duas abordagens anteriores?

A pesquisa tem como objetivos: pesquisar sobre as abordagens de como se ensinar na disciplina de Filosofia; apresentar aquela que se apresenta como a mais adequada. O presente trabalho visa refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem nessa

disciplina, evidenciando a importância de se relacionar a história da filosofia com temas relevantes para os alunos, considerando-se que a sustentação para a opção pelos temas, os quais deverão ser problematizados, encontra-se justamente no pensamento e na reflexão que os filósofos das diferentes épocas já realizaram e ainda realizam quando se trata da filosofia contemporânea.

Este trabalho utiliza-se da abordagem qualitativa, cuja metodologia é a pesquisa bibliográfica como fonte de dados. Como ponto de partida, foram realizadas pesquisas sobre o tema; seguidas de seleção de material para leitura; localização e anotação de informações relevantes, bem como a análise depurada e a interpretação dos materiais levantados.

O referencial teórico sustenta-se nas leituras de autores como Saviani (1996) que trata sobre a necessidade da superação do senso comum para se alcançar a consciência filosófica, partindo da problematização da realidade, premissa fundamental para o ensino de Filosofia. Alves (2002) ao apontar a legislação, o histórico e a discussão sobre o ensino de Filosofia no ensino médio; Deleuze e Guattari (2010, p. 8) que nos ensinam que a filosofia “[...] é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos.” Aspis e Gallo (2009) ao esclarecerem que o ensino de Filosofia tem como objetivo principal a criação de conceitos; dentre outros.

O texto divide-se em três partes: a primeira trata sobre a importância e a relação da filosofia com a vida cotidiana dos seres humanos; a segunda aponta os pontos e contrapontos tanto da abordagem pelo ensino através da história da filosofia quanto pela abordagem por meio de temas relevantes; na terceira parte será apresentada outra possibilidade para o ensino de Filosofia, a abordagem problemática dos temas, a qual concebe o ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica. Nessa terceira abordagem, o professor deve evidenciar os problemas que estão por trás dos temas e da própria história da filosofia. (ASPIS; GALLO, 2009).

A relevância da filosofia para os seres humanos quando esta é tratada de forma adequada nas aulas de Filosofia

As aulas de Filosofia devem conduzir a novos significados acerca de muitos dos problemas que os alunos vivenciam em seu cotidiano, ajudando-os a traçar novos caminhos, incentivando e propiciando o esforço do pensamento para transformar costumes, preconceitos, valores, etc.. Toda aula de Filosofia deveria provocar nos alunos a experiência do pensamento, o filosofar, conduzindo-os ao movimento do pensamento. Sócrates já havia asseverado sobre a característica prática do filosofar, no sentido de propiciar mudança de atitude.

A verdadeira função social da filosofia é a crítica ao estabelecido, tendo como objetivo primordial impedir que os homens se entreguem às ideias e formas de conduta que a sociedade em sua organização vigente lhes impõe. A crítica e, em especial, a crítica

radical (aquela que problematiza e questiona os critérios e os valores que são socialmente aceitos e colocados em prática) são totalmente imprescindíveis para a transformação da realidade das coisas. Nesse sentido, a tarefa crítica da filosofia além de apontar para transformações, possibilita o surgimento do novo. (CERLETTI; KOHAN, 1999).

A crítica suspende a realidade para melhor enxergá-la. Sob essa perspectiva, a filosofia, e a ideia de uma formação pela filosofia, através do desenvolvimento do pensamento crítico promove condições (ainda que indiretas) de intervenção na realidade, nas maneiras dos estudantes se colocarem diante da multiplicidade e da heterogeneidade de fatos, situações, acontecimentos, problemas que os rodeiam. (FAVARETTO, 2008). Para esse autor, intervir na realidade significa auxiliar os estudantes, por meio das principais teorias e dos grandes sistemas da tradição filosófica, a

[...] descobrir o funcionamento e o sentido das configurações (teorias, ideologias e mitologias, religiosas, científicas, tecnológicas, artísticas); significa interrogar, formular questões e objeções. [...] Intervir reflexivamente significa fazer a crítica dos imaginários da cultura e do imaginário individual (Idem, 2008, p. 46).

A questão de como se ensinar nas aulas de Filosofia, além de ser vista como um problema de cunho pedagógico passa, também, nos últimos anos a ser encarada como problema filosófico e político. Essa nova perspectiva, vem enriquecendo os debates e as análises da atividade filosófica.

De acordo com Cerletti (2008), a atividade filosófica (o filosofar) requer uma atitude que deve ser questionadora, crítica e desconfiada e deve conduzir ao atrevimento de pensar por si mesmo. E ensinar Filosofia é, acima de tudo, dar uma abertura ao pensamento. Nesse sentido, os professores de Filosofia devem ter como premissa fundamental, desenvolver essa atitude em seus alunos, possibilitando que desenvolvam seus pensamentos de forma crítica e atrevam-se a pensar por si próprios.

O ensino de Filosofia pela história da filosofia ou por temas: pontos e contrapontos

Se se pode fazer física sem conhecer os físicos, não se pode fazer Filosofia sem estudar os filósofos. A compreensão do cogito exige o conhecimento de Descartes, a descoberta do caráter “a priori” do espaço supõe que nos coloquemos na escola de Kant. A Filosofia não pode se separar de sua própria história. (ALQUIÉ, 1970, p. 5)

No entanto, para esse autor é evidente que a filosofia não deve se reduzir à história da filosofia. A história da filosofia, apesar de permanecer como disciplina específica, conserva-se filosófica em sua essência, pois não se constrói a história de pensamentos da mesma maneira que a de fatos materiais. Enquanto a história das ciências está sempre

julgando os cientistas do passado segundo as normas dos nossos conhecimentos atuais, e, desse modo, apresenta-se como a história de um progresso contínuo, a história da filosofia não poderia decidir se Platão ou Descartes foram ultrapassados por seus sucessores: as teses mais antigas podem, legitimamente, ser preferidas em lugar das mais recentes. (ALQUIÉ, 1970, p. 6)

Alquié (1970) esclarece que a filosofia confunde-se com a sua própria história, sendo necessário considerar que tudo o que em filosofia pode, legitimamente, ser chamado de um saber está contido na história da filosofia. Nessa direção, pode-se afirmar que para aprender Filosofia é necessário estudar a sua história, ter contato com as diferentes filosofias engendradas pelos filósofos.

E é à luz desses saberes, deixados pelos grandes filósofos, que os alunos deverão visualizar os problemas, as inquietações, as insatisfações, que tiverem de solucionar nas situações cotidianas, em suas experiências pessoais, etc. É preciso colocar os alunos diante dos textos da tradição filosófica, pois os textos dos filósofos são sempre a melhor referência, embora devam, também, ler os textos dos comentadores que os auxiliarão a descobrir toda a riqueza daquela tradição.

Para Vergez e Huisman (1970), não há que se falar de progresso em filosofia, pois a história da filosofia é a história de doutrinas que, mesmo com o passar dos tempos e com a abolição das condições materiais em que surgiram, continuam bastante vivas e conservam o seu valor.

A aula de Filosofia pela abordagem da história da filosofia que a concebe apenas como exposição abstrata e linear das diversas correntes da tradição filosófica, tendo como objetivo que os alunos memorizem mecanicamente as ideias principais de cada filósofo, não tem muito a contribuir para a formação crítica. Por outro lado, quando as aulas são conduzidas no sentido da reflexão sobre problemas do cotidiano dos alunos (abordagem temática), não se pode dispensar o recurso à história da filosofia e aos textos dos filósofos se, realmente, pretende-se aproveitar todo o seu potencial para a formação crítica dos estudantes.

Enquanto disciplina obrigatória a Filosofia apresenta desafios para o professor. O primeiro desses desafios seria responder o que é a filosofia? Para responder a essa questão recorre-se a Chauí (2000, p. 17) por asseverar que a filosofia “[...]seria a decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana”. Já para Deleuze e Guattari (2010, p. 8) “[...] a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos.” Para Martins (2000), a filosofia tem um compromisso com a vida cotidiana.

De acordo com Gallo (2008, p. 73), se desejamos investir na atividade da filosofia como experiência do pensamento, estimulando os alunos a ressignificar conceitos e a criá-los, é necessário “[...] mudar o foco do ensino para o aprendizado.” Ou seja, é preciso que o foco do processo educativo da filosofia mude do “ensinar a pensar”, que parte do professor para atingir a coletividade de alunos, para um “aprender a pensar”,

que se direciona para o processo individual de pensamento de cada aluno. (GALLO, 2008, p. 73)

Sob esse prisma, escolher qual a melhor maneira de conduzir o processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina para que se torne significativa e contribua para a formação integral dos estudantes é algo que deve fazer parte das preocupações do docente. Pois, tanto o professor quanto os alunos devem ter muito claro que a filosofia apresenta relação e comprometimento com a vida cotidiana, portanto, não deve ser concebida nem tratada como um conjunto de conhecimentos abstratos e sem relações com nossos problemas e situações do dia a dia.

Há ao menos três eixos possíveis para a construção de um currículo de Filosofia para o trabalho em sala de aula: o eixo histórico, o eixo temático e o eixo problemático.

Muitos professores encontram dificuldades para trabalhar com a abordagem metodológica pautada na história da filosofia e nos textos dos filósofos (aquela que privilegia os conteúdos especificamente filosóficos), já que para muitos adolescentes, apresenta-se como algo desnecessário e cansativo, principalmente a releitura dos clássicos. Diante disso, os debates filosóficos em salas de aulas, muitas vezes, restringem-se a conversas vazias e superficiais sobre um tema qualquer da atualidade sem que os mesmos estejam fundamentados em teorias filosóficas. (HOFFMANN; SILVA; ALVES, 2012)

É fundamental que os professores conduzam as aulas de Filosofia com referências aos filósofos, contextualizando seus pensamentos com os temas da atualidade, pois parece bastante complicado desenvolver o pensamento filosófico, sem examinar o legado de conteúdos filosóficos já existentes.

Valentino Gerratana (1991) nos ajuda a entender a relevância de retomar os pensamentos dos clássicos, já que compreendia que um autor clássico é aquele “[...] que vale a pena reler e reinterpretar à luz de novas exigências e de novos problemas” (GERRATANA, 1991 apud SEMERARO, 1999, p. 219). Nesse sentido, o texto clássico é aquele que apresenta a possibilidade de nos maravilhar e ensinar a cada releitura.

A aula de Filosofia não pode se reduzir a uma narração histórica ou a um desfile de datas, nomes de filósofos e correntes filosóficas (eixo histórico). Esta maneira de abordá-la, além de restringi-la, torna-a superficial e cansativa, priorizando a informação e deixando de lado as possibilidades de reflexão. De acordo com Deleuze e Guattari (2010, p. 101), “[...] a história da filosofia é inteiramente desinteressante se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo.”

No entanto, a história da filosofia quando abordada de maneira adequada por meio da problematização, conforme será visto mais adiante, propicia ao aluno uma melhor compreensão dos problemas apresentados. E tendo-a como sustentação, possibilita a construção de novos pensamentos e quiçá a transformação de valores, de atitudes, de comportamentos diante da vida e da realidade.

É preciso tomar a história da filosofia como um ponto relevante para as aulas, por isso o convívio dos alunos com os textos filosóficos é indispensável. Os estudantes precisam ser levados a perceber que o saber pensado e dito efetivamente pelos grandes filósofos pode ser encarado como uma luz que os auxiliará a visualizar os problemas que se apresentam em sua vida para serem solucionados, muitos dos quais já foram enfrentados pela tradição filosófica.

O pressuposto de que o ensino de Filosofia no ensino médio deve ser realizado simplesmente através das discussões das realidades em que os estudantes se encontram, das opiniões relativas às situações do cotidiano dos estudantes (eixo temático), sem a base da história da filosofia para tais discussões, conduz ao tratamento superficial de temas relevantes como liberdade, felicidade, sentimento, ilusão, razão, etc. Nesse sentido, o ensino de Filosofia como experiência do pensamento deve ter como foco o estudo e a problematização dos temas relevantes, das inquietações do cotidiano dos estudantes com a história da filosofia.

De acordo com Aspís e Gallo (2009), um dos grandes desafios para o professor de Filosofia é tomá-la como uma luta contra as meras opiniões. As opiniões dos alunos sobre os temas precisam ser acolhidas, enfrentadas, problematizadas e direcionadas para o horizonte de novas ideias, criação de novos conceitos (Idem, 2009). Para Deleuze e Guattari (2010), o objeto da filosofia é produzir conceitos sempre novos e o pensar (pensamento) por conceitos significa conseguir fazer relações e conexões. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11)

Deleuze e Guattari (2010), explicam que a ciência não constrói conceitos, pois estes pertencem somente à filosofia. Todo conceito é endereçado a um problema e está privado de sentido enquanto não está agregado a um problema que soluciona ou colabora para solucionar. Para esses autores, existem três grandes formas de pensamento que se entrelaçam, contudo sem síntese ou identificação: a filosofia, a arte e a ciência. E, pensar é pensar por conceitos (é a filosofia que faz emergir acontecimentos com seus conceitos), ou pensar por funções (é a ciência que com suas funções produz estados de coisas) ou, ainda, pensar por sensações (é a arte que com suas sensações constrói monumentos).

O conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. [...] Real sem ser atual, ideal sem ser abstrato... (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 29-3)

Segundo Aspís e Gallo (2009), os conceitos em filosofia são criados a partir dos problemas que nos incomodam, daqueles que percebemos, observamos, ou seja, são os problemas que movem a produção de conceitos. Para esses autores a criação de conceitos deve ser o maior e o mais supremo dos objetivos nas aulas de Filosofia.

Fundamentando-se em Deleuze e Guattari (1992), Sílvio Gallo (2003, p. 3-4) esclarece que “[...] o conceito é uma forma eminentemente racional de equacionar um problema ou conjunto de problemas, exprimindo com isso uma visão coerente do vivido.” Por isso não se cria conceitos no vazio, visto que estes necessariamente partem de problemas vividos, experimentados.

O professor de Filosofia deverá esclarecer aos alunos que por trás dos conceitos há problema(s) ou situações que os engendraram e que levaram os pensadores a construir respostas para os mesmos. E que um mesmo tema ou problema pode ter mais de um conceito como resposta, construído por pensadores diferentes de uma mesma época ou de épocas históricas bem distantes no tempo. O conceito de ideologia, por exemplo, é diferente em Marx e em Gramsci. Enquanto para aquele a ideologia é equivalente de falsa consciência ou de ilusão para o pensador italiano a ideologia é uma forma específica e particular de entender o mundo natural e social (uma maneira de encarar o mundo). Conforme explica Staconnne (1995), em Gramsci, a ideologia torna-se motor e arma que pode ser utilizada tanto para ataque quanto para defesa.

Esses esclarecimentos de suma importância farão com que os alunos compreendam que os problemas que vivenciam na atualidade, também, podem ter sido problemas e situações vivenciados ou observados pelos pensadores da tradição filosófica. Os conteúdos da filosofia por se referirem a problemas e/ou situações que incomodam e/ou afetam os seres humanos são de interesse geral. Portanto, encaminhar os alunos a conhecê-los e a compreendê-los à luz de nossa cotidianidade e contemporaneidade é tarefa da disciplina de Filosofia.

É preciso conceber a filosofia como atividade, ato de pensamento, criação conceitual, devendo as aulas dessa disciplina no ensino médio estar centradas na construção e /ou ressignificação de conceitos. As aulas de Filosofia para Gallo (2003) devem funcionar

[...] como uma oficina de conceitos, um local onde os conceitos historicamente criados são experimentados, testados, desmontados, remontados, sempre frente aos nossos problemas vividos. E também um local onde se arrisque a criação de novos conceitos, por mais circunscritos e limitados que eles possam ser. (GALLO, 2003, p. 4)

A “oficina de conceitos” visa a proporcionar um ambiente favorável para a experimentação e a criação de conceitos, permitindo que aluno possa sentir-se envolvido no movimento do seu próprio pensar.

O que pressupõe ensinar Filosofia objetivando que os estudantes a vivenciem como experiência de vida e não apenas como mais uma disciplina repleta de conteúdos a serem transmitidos. O professor de Filosofia deve trabalhar com o intuito de conduzir seus alunos a pensar filosoficamente e, nesse sentido, acredita-se que o ensino de Filosofia pela abordagem problemática dos temas tenha melhores condições de atingir esses objetivos.

Mesmo que os temas e problemas sejam atuais, a discussão não deve partir do nada, devendo buscar sustentação nos conhecimentos historicamente acumulados sobre os mesmos, pois as referências da tradição histórica fornecerão aos alunos a sustentação para uma reflexão rigorosa, radical e de conjunto, contribuindo para que um dos mais importantes objetivos dessa disciplina, que é tirar os alunos do senso comum sobre os temas ou problemas abordados conduzindo-os para o nível da consciência filosófica, seja atingido.

É preciso lembrar que os temas relevantes e os conteúdos tratados nas aulas de Filosofia, nem sempre são problemas apenas de nosso tempo, pois outros pensadores já se debruçaram e se debruçam sobre os mesmos, fornecendo bases para que nossas reflexões não se tornem meras opiniões sem fundamentos.

O ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica (abordagem problemática dos temas -eixo problemático)

Ensinar Filosofia apenas pela história da filosofia ou simplesmente pelas discussões de temas relevantes e opiniões dos alunos tem evidenciado não ser a maneira mais adequada, pois cada uma dessas abordagens metodológicas quando utilizada de forma unilateral pode apresentar problemas para o ensino dessa disciplina.

Diante dos desafios para se ensinar Filosofia, surge uma terceira abordagem que tem como mote acabar com as polarizações ao propor uma síntese de ideias a partir desses dois eixos anteriormente apresentados, propondo tanto o acesso à história da filosofia quanto aos temas relevantes que serão tratados como problemas filosóficos. E, nesse sentido, é uma abordagem mais avançada, já que toma a Filosofia como uma atividade, uma experiência, uma ação do pensamento, que se organiza em torno dos problemas que motivam e estimulam o filosofar.

Não basta ensinar Filosofia de forma apenas histórica ou temática. É preciso buscar um ensino de Filosofia que agregue o histórico e o problemático ou o problemático e o histórico.

A terceira abordagem metodológica para o ensino de Filosofia ao propor uma síntese entre o eixo histórico e o temático, evidencia que é preciso uma didática que trabalhe com uma história dos problemas. Sob essa perspectiva, os conteúdos deverão ser organizados em torno dos problemas tratados pela filosofia, os quais se recortam em temas a serem abordados historicamente.

Considera-se que não existe filosofar sem problematização do mundo, da vida, da realidade, dos valores, das opiniões, do saber. Problematização no sentido de: realizar a suspensão do juízo em relação a situações, crenças, preconceitos, acontecimentos dados como certos, como verdades absolutas; duvidar, de querer mais explicações e de buscar novas soluções para as situações, realidades.

Sob essa ótica, os problemas deverão tornar-se problemas filosóficos e os alunos deverão compreender que nem todos os problemas são filosóficos. E o que seria um problema filosófico? Seria aquele que deixa confuso, perdido, incomodado, que envolve e que faz sentir necessidade de orientação para tentar resolvê-lo. Rocha (2000) assevera que o professor de Filosofia deve ter muito claro que

[...] os problemas filosóficos se apresentam nas mais variadas formas e situações. Eles se apresentam sempre que temos de reavaliar nossos critérios, nossos conceitos e limites mais fundamentais. Filmes, poemas, romances, as situações do cotidiano, textos, ... podem conter e apresentar problemas e situações filosóficas. (ROCHA, 2000, p. 172-173)

Entretanto, como ressalta Saviani (2007), nem todas as questões, dúvidas e perguntas são problemáticas, pois o que determina o problema é a necessidade. Registrando que uma questão, em si, ainda que não tenha resposta conhecida, não determina o problema. Porém, uma questão cuja resposta é desconhecida e há a necessidade de conhecer, faz com que surja, de fato, um problema. Aquilo que ainda não sei não é necessariamente um problema; "[...] mas quando eu ignoro alguma coisa que eu preciso saber, eis-me, então, diante de um problema." (SAVIANI, 2007, p. 17)

Sílvio Gallo (2012) propõe a possibilidade de se ensinar filosofia caracterizando-a como atividade de criação de conceitos. Com base na leitura de textos filosóficos e na identificação de conceitos, busca-se conhecer o problema que levou o filósofo a produzir tal conceito. Deve-se partir de uma problemática filosófica para se chegar aos conceitos, ao processo de conceituação, ou seja, a uma experimentação do pensamento conceitual (GALLO, 2012, p. 85). Nesse sentido, pode se dizer que conceitos como verdade, liberdade, ilusão, vontade, dentre outros, devem ser experimentados pelo pensamento.

Pela abordagem problemática dos temas, a qual concebe o ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica, o estudante deve ser capaz de identificar, avaliar e construir argumentos, inserindo-os em seu contexto filosófico e confrontando-os com os argumentos de outros filósofos sobre o mesmo problema.

Os problemas propostos devem ser vividos pelos estudantes como problemas seus e devem mobilizá-los a fazer o movimento do pensamento (o filosofar). Para isso, o docente precisa seguir algumas etapas para o ensino de Filosofia por essa terceira abordagem (ASPIS; GALLO, 2009).

A primeira etapa é a da sensibilização dos estudantes para o tema que será tratado na aula. O professor deve despertar o interesse dos alunos através da aproximação dos temas relevantes com o cotidiano, com as realidades dos mesmos. Aproximando, dessa forma, a filosofia de suas vidas e despertando neles o envolvimento com o tema que será investigado. A sensibilização pode ter como ponto de partida uma música, um vídeo, o trecho de um filme, uma poesia, ou qualquer outro recurso que possa causar interesse e envolvimento por parte dos alunos. Após a sensibilização, vem a etapa da problematização que trata de transformar o tema em problema filosófico.

O professor de Filosofia deve colocar em prática o sentido crítico e investigativo da filosofia, assumindo o papel de um questionador que faz perguntas e ensina seus alunos a perguntar, estimulando-os a formularem perguntas a partir do tema abordado, às quais levarão à elaboração do problema filosófico que será objeto de estudo e discussão nas aulas (ASPIS; GALLO, 2009, p. 75-80).

Nessa etapa que o professor deve convidar seu alunos a realizar a epoché (fazer a suspensão dos juízos), distanciando-se de suas crenças, preconceitos, etc. Assumindo a partir de então, a atitude filosófica de duvidar de situações dadas como indiscutíveis, incontestáveis, naturais, para que possa pensar sobre o tema e formular perguntas mais consistentes mediados pelo professor. Nesse momento, estar-se-á e iniciando o caminho de distanciamento do senso comum rumo a conhecimento filosófico.

Desenvolver nos alunos a atitude filosófica, é criar condições para a reflexão diante de si mesmos e da realidade que os circunda e os desafia, procurando superar os problemas ou ao menos encará-los sob outras perspectivas. Para Gramsci (1986), além de estabelecer a crítica do senso comum, a filosofia busca superá-lo. Assevera que a “[...] filosofia é uma ordem intelectual, o que nem a religião nem o senso comum podem ser” (GRAMSCI, 1986, p. 14). Saviani (1996, p. 24) alerta que a reflexão filosófica não é uma reflexão qualquer, pois deve ser radical, rigorosa e de conjunto. Radical significa chegar até as raízes, os fundamentos dos problemas, analisando-o com profundidade; rigorosa no sentido de que se deve proceder com rigor para garantir a exigência da radicalidade e por exigir sistematização e procedimentos metodológicos bem estabelecidos; e de conjunto implica que o problema não pode ser analisado de modo parcial, mas numa perspectiva de totalidade, de conjunto, relacionando-o aos demais aspectos do contexto que o determinam. (SAVIANI, 1996)

Depois da problematização, vem a etapa da investigação, na qual os fundamentos da história da filosofia são a base firme para a investigação do problema, não abrindo mão de ensinar aos alunos a ler e a estudar os textos da tradição filosófica (ASPIS; GALLO, 2009, p. 85). Esse momento requer que os alunos já estejam bastante envolvidos e instigados para pensar em respostas e/ou soluções para as perguntas e, conseqüentemente, para o problema filosófico.

Durante a investigação, a história da filosofia e os pensamentos dos filósofos, tomados como luzes para melhor compreensão do tema, do problema e das próprias perguntas que foram levantadas, ganham sentidos e significados especiais, não sendo apenas mais um conteúdo a ser decorado pelos estudantes, pois as diferentes filosofias podem ser consideradas como diferentes óculos que mostram diferentes facetas da realidade e do mundo.

Há na filosofia uma coexistência de problemas e soluções nas diferentes épocas históricas. Nesse sentido, os alunos deverão compreender que a história da filosofia é uma caixa de ferramentas que podem utilizar para enfrentar seus próprios problemas ou problemas do cotidiano social, pois o já pensando pelos filósofos serve como material fértil para nossos pensamentos.

A quarta etapa é a da conceituação, na qual os alunos são colocados em contato com os conceitos já existentes para analisá-los, interpretá-los, procurando encontrar respostas para o problema filosófico. Nessa etapa, os conceitos já existentes poderão ser ressignificados de modo que possam equacionar o problema ou mesmo novos conceitos que melhor respondam ao problema, poderão ser criados pelos estudantes. É nessa etapa que deve ocorrer o exercício da experiência filosófica propriamente dita.

Pela exposição das etapas, percebe-se que quando as aulas de Filosofia são organizadas pelo professor como “oficina de conceitos”, a qual prevê os momentos de sensibilização, problematização, investigação e conceituação, a abordagem problemática dos temas (que concebe o ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica) estará sendo contemplada.

Esses quatro momentos que foram mencionados de forma sucinta, certamente não dão conta de todos os desafios enfrentados pelo professor ao formular estratégias para uma boa aula de Filosofia nem de todos os desafios suscitados em cada aula. No entanto, são promissores caminhos que os professores de Filosofia podem e devem percorrer. Ainda que alguns alunos no início ou mesmo depois de algum tempo participando da “oficina de conceitos”, não reformulem ou não desenvolvam novos conceitos de forma criativa, genial, o importante é que já terão vivenciado a experiência do movimento do pensamento (o filosofar).

Conduzir os estudantes a aprender a pensar, a vivenciar a experiência do pensamento no trabalho com os conceitos, é colocá-los a estabelecer e a enfrentar problemas, construindo possibilidades de superação dos mesmos. Pois, o incômodo, a insatisfação com a realidade individual e social e em relação às situações dominantes são excelentes motores para a vontade de filosofar.

Segundo Gallo (2008, p. 75), colocar o foco do processo educativo no aprendizado (no aprender a pensar e não no ensinar a pensar cujo foco é o ensino como treinamento) é “[...] trabalhar a educação como experiência, como experimentação”. Cada aluno precisa experimentar o movimento do pensamento, entrando no campo problemático e experimentando “[...] o pensar por conceitos.” Desse modo, aprender a filosofar é ainda, necessariamente, adentrar “[...] singularmente num campo problemático, experimentar os problemas, mobilizar-se em torno deles, experimentar conceitos, fabricar conceitos para fazer frente a tais problemas” (GALLO, 2008, p. 75).

Desde o tema inicial, os estudantes devem ser mediados pelo professor no sentido de reformularem os conceitos estudados, devendo ser estimulados a criar argumentações filosóficas e novos conceitos que ofereçam outras maneiras para responder e/ou resolver o problema que será tratado como um problema filosófico. Criar conceitos sobre os problemas, as situações ou acontecimentos é uma experiência do pensamento.

Faz-se necessário esclarecer que a escolha dos temas relevantes que serão tratados nas aulas de Filosofia pela abordagem problemática dos temas, não será feita somente

levando-se em consideração as inquietações e os interesses dos alunos pelos mesmos. Pois, o professor, também, deverá eleger temas ou conceitos relevantes como: loucura, razão, justiça, liberdade, vontade, moral, ética, quantidade, qualidade, dentre muitos outros, que deverão ser eleitos com base nos conteúdos específicos de filosofia. Sendo a história da filosofia referência imprescindível para tal escolha, já que conta com uma variedade de temas e problemas apresentados e estudados pelos pensadores, os quais podem contribuir para a boa formação integral dos estudantes, caso esses não sejam levantados pelos mesmos.

Depois de percorridas essas etapas da “oficina de filosofia”, o professor deve introduzi-los na escrita filosófica que alcança seu auge nas tentativas dos estudantes construírem seus próprios textos filosóficos para responder ao problema suscitado no início de todo o processo. (Idem, 2008)

Trabalhar com a “oficina de conceitos”, proposta por Sílvia Gallo, requer deslocar o foco do ensino como treinamento para uma educação como experiência, em que cada estudante seja convidado a colocar seus problemas, adentrar no campo problemático e experimentar os conceitos, experimentar o pensamento por conceitos, seja manejando e deslocando conceitos criados por filósofos ao longo da história do pensamento, seja *criando* seus próprios conceitos. (GALLO, 2008, p. 75)

Considerações Finais

Em sala de aula, é preciso que o professor, em primeiro lugar, tenha claro para si mesmo o que ele entende por filosofia. Deve lembrar que são várias as concepções sobre filosofia e que há “filosofias”, por isso deve ser coerente entre aquilo que entende por filosofia e aquilo que ensina em sua prática escolar, pois a filosofia deve ser apresentada como um ato, ato de pensamento. O professor deve utilizar-se de uma didática adequada para abordar a história da filosofia e relacioná-la com os temas e problemas relevantes.

Conhecer o que os filósofos já pensaram sobre determinado assunto é essencial para que se tenha um bom alicerce para o pensamento e um estímulo para novos conhecimentos, pois é desfrutando da tradição filosóficas que se pode encontrar os conceitos já existentes, os quais possibilitarão que o pensamento se movimente e darão sustentação para debates e reflexões sobre o presente, diferentes daquelas realizadas pelo senso comum, apontando alternativas para enfrentar os problemas vivenciados ou observados.

Nesse sentido, considera-se que a forma mais adequada para se trabalhar nas aulas de Filosofia é tomar a história da filosofia como referência e sustentação para o debate filosófico de temas relevantes, de problemas que incomodam os alunos, que causam dúvidas e insatisfação, tratados numa abordagem filosófica problematizadora da realidade.

Os resultados apontam que o grande desafio para o professor de Filosofia é trabalhar com a história da filosofia sem ficar aprisionado a ela de forma mecânica e descontextualizada. A aula como “oficina de conceitos” apresenta-se como uma boa possibilidade para superar esse desafio, pois permite através do debate filosófico, transitar entre a historicidade da filosofia e os temas relevantes que deverão ser problematizados.

A abordagem problemática dos temas, apresenta-se como a mais adequada para encaminhar os alunos para o aprender a pensar, a viver a experiência do pensamento (o filosofar) pelo contato e análise dos conceitos já existentes e pela possibilidade que apresenta para ressignificá-los ou para criar novos conceitos com o intuito de resolver problemas, situações ou ao menos oferecer novas perspectivas em relação aos mesmos, quer sejam de natureza individual ou coletiva.

Referências

- ALQUIÉ, F. Prefácio. In: *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. VERGEZ, A.; HUISMAN, D.. Traduzido do francês por Lélia de Almeida Gonzalez. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A, 1970.
- ALVES, D. J. *A Filosofia no Ensino Médio: ambiguidades e contradições na LDB*. 1ª ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- ASPIS, R. L.; GALLO, S. *Ensinar Filosofia - um livro para professores*. São Paulo: Ed. Atta Mídia e Educação, 2009.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.
- _____. Presidência da República. *Lei 11.684, de 02 de junho de 2008*.
- CERLETTI, A. A.; KOHAN, W. O. *A filosofia no ensino médio: caminhos para pensar seu sentido*. Tradução de Norma Guimarães Azeredo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CERLETTI, A. A. Ensinar filosofia da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: *Filosofia: caminhos para seu ensino*. KOHAN, W. O. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 19-42.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* 3. ed. Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

FAVARETTO, C. Filosofia, ensino e cultura. In: *Filosofia: caminhos para seu ensino*. KOHAN, Walter O. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 43-53.

GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (orgs.). *Filosofia do Ensino de Filosofia*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2003.

GALLO, S. A função da Filosofia na escola e seu caráter interdisciplinar. In: *Seminário A Filosofia no Ensino Médio: legislação e conteúdo programático - parte III*. Depto de Educação. UNESP/Rio Claro. 12/06/2003. (Texto digitado).

_____. *Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica*. Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 55-78, jul./dez.2008.

_____. *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

HOFFMANN, M. L. S.; SILVA, L. M. S.; ALVES, M. A. Ensino de Filosofia: o desafio em transitar entre a história e os temas do cotidiano. In: *II Seminário Interdisciplinar PIBID/UNIFRA-14 a 16 de maio de 2012*. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/seminariopibid2012/Trabalhos/3818.pdf>>. Acesso em: 25/03/2016.

MARTINS, M. F. Uma nova filosofia para um novo Ensino Médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 94-111.

ROCHA, R. Filosofia como educação de adultos. In: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 149-173.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 11ª edição. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. A Filosofia na Formação do Educador. In: SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 17. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 11-29.

SEMERARO, G. *Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a democracia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

STACONNE, G. *Gramsci 100 anos: revolução e política*. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

VERGEZ, A.; HUISMAN, D. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. Traduzido do francês por Lélia de Almeida Gonzalez. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1970.

Recebido em: 19/08/2016

Aprovado em: 12/01/2017